

RISCOS E INCERTEZAS NO TEMPO DA GLOBALIZAÇÃO

Resumo

A globalização é um conjunto complexo de processos que está sempre em desenvolvimento e expansão, desde o momento em que iniciou. Trata-se da integração, em escala mundial, das relações sócio espaciais, econômicas e culturais; este processo impulsiona as mudanças da estrutura social. Este ensaio objetiva explorar as interconexões entre os riscos e incertezas no tempo da globalização à luz das teorias de Ulrich Beck e Anthony Giddens. A partir destes autores, busca-se discutir convergências e divergências de suas teorias e a compreensão das transformações sociais e culturais e principalmente como as ameaças socioeconômicas e ambientais afetam a vida cotidiana da sociedade pós-moderna.

Palavras-chaves: Sociedade de risco; Globalização; Modernidade reflexiva.

Abstract

Globalization is a complex set of processes that has been constantly evolving and expanding from the moment it started. It is about the integration, on a world scale, of socio-spatial, economic and cultural relations; this process drives changes in the social structure. This essay aims to explore the interconnections between risks and uncertainties in the time of globalization in light of the theories of Ulrich Beck and Anthony Giddens. From these authors, we seek to discuss convergences and divergences of their theories and the understanding of social and cultural transformations and especially how socioeconomic and environmental threats affect the daily life of postmodern society.

Keywords: Risk society; Globalization; Reflective modernity.

Introdução

A modernidade é a era que rompe com as tradições da idade média, retratando o novo, o atual. Apesar de não existir um consenso quanto às definições dos limites e da existência de uma modernidade, é tácito que se sustenta reflexões e análises sobre tais definições que incitam a compressão, bem como as tomadas de decisão que orientam o ser/estar no mundo. Isto posto, pressupõe-se que modernidade e sociedade contemporânea estão associadas.

À vista disso, no final da década de 1970 surge um campo de estudo das ciências sociais em que teóricos da sociologia analisam os fenômenos resultantes de uma sociedade de risco. Esses teóricos procuram refletir o corpo social não apenas nas práticas sociais, mas também chamam a atenção para o tipo de sociedade que está sendo construída.

Neste cenário, este ensaio objetiva situar uma discussão na teoria social contemporânea, sobre a crise da modernidade, expressa por meio da emergência do risco global. Para esta reflexão, recorreu-se às noções das teorias de Ulrich Beck¹ de sociedade de risco e a incerteza no mundo moderno reflexivo de Anthony Giddens², além de discutir convergências e divergências de suas teorias, buscar-se traçar uma interpretação no contexto da modernidade.

Conforme argumentam os estudiosos da sociologia Ulrich Beck e Elisabeth Beck-Gernsheim (2002), a controversa década dos anos noventa começou com o colapso do Muro de Berlim em 1989, o que promoveu alterações em âmbito ideológico e de visão de mundo de uma geração, a qual percebeu que até as barreiras impenetráveis feitas pelo homem, podem cair. Uma série de outras oscilações políticas e sociais que ocorreram, não muito antes da queda do Muro de Berlim, como o advento da globalização e o crescimento da economia de mercado livre, sinalizou o início de uma nova era.

Além dessas mudanças, o mundo experimentou a predominância de inseguranças sociais devido a individualização, que resultaram em mudanças econômicas, culturais e sociais subjacentes. Ao separar o indivíduo de seu conjunto de crenças, as ideologias hegemônicas são desagregadas para formar uma nova consciência sobre as circunstâncias sociais, econômicas e políticas da sociedade em que se vive.

Deste modo, com base nos autores mencionados e os estudos por eles desenvolvidos, o presente ensaio visa contribuir para o campo da sociologia e no entendimento das teorias da sociedade global de risco.

Fundamentação e discussão

O período da globalização torna-se mais evidente a partir da segunda metade do século XX, analisada por profundas transformações estruturais em nível global, concomitante a aproximação da crise ambiental global, podem-se relacionar alguns elementos relevantes dessas transformações na alta modernidade, como o papel da tradição, a globalização nos mais variados conceitos e a reflexividade social, que constituem eixos das análises de Giddens e Beck.

Giddens remete ao processo de globalização como um dos fatores que têm ocasionado a mudança acelerada nas últimas décadas. Para o sociólogo:

[...] a globalização não pode ser vista como um fenômeno puramente econômico ou um processo único, é uma mistura complexa de processos que atuam de forma contraditória, produzindo conflitos, desarticulações e novas formas de estratificação (GIDDENS, 1994 p. 11).

Configurando uma transformação do espaço e do tempo, estando a sua trajetória relacionada ao intenso desenvolvimento das tecnologias (GIDDENS, 1994). Assim sendo, as atividades de vida cotidiana do indivíduo e da sociedade pode sofrer influências do processo de globalização, constituindo uma dinâmica de interdependência global. Com isso, desenvolve-se uma expansão da reflexividade social, explicada como “o uso de informações sobre as condições de atividade como um meio de reordenar e redefinir regularmente o que essa atividade é” (GIDDENS, 1996, p. 101).

Para Giddens, na sociedade globalizada, o indivíduo deve selecionar e inclinar-se de maneira reflexiva sobre os tipos de informação relevantes para sua sobrevivência e agir com base nesse processo de conhecimento, que não se dá sobre uma realidade social independente (GIDDENS, 1994; 1996; BECK; GIDDENS; LASCH, 1997).

Cientistas sociais defendem que a modernidade trouxe o constante progresso material e a ideia de que quanto mais a humanidade se apropriasse da realidade social e física, mais capaz seria de controlá-la e utilizá-la para seu próprio interesse, o que é confrontado com a realidade de graves acidentes e catástrofes ambientais em proporções nunca antes experimentadas (GIDDENS, 1994; BECK; GIDDENS; LASH, 1997).

Diante desse mundo de riscos produzidos, conceituar riscos se tornou uma terminologia chave para definir e caracterizar as sociedades ocidentais desde a publicação de

Beck em *Risk Society: Towards a New Modernity* (Sociedade de risco: rumo a uma nova modernidade), originalmente publicado em alemão em 1986 e em inglês em 1992.

Para Beck (2011), o entendimento sobre o conceito de risco não se refere ao risco tradicional e pessoal que todos enfrentam no dia a dia, como o risco de abrir um novo negócio ou citando o exemplo de Beck de partir para descobrir novos países ou continentes - como fez Cristóvão Colombo. Em vez disso, o autor fala sobre os riscos globais que resultam do aumento da industrialização, do desenvolvimento da fissão nuclear, da ameaça de guerra atômica e assim por diante. Beck denota esses tipos de riscos como "riscos da modernização" que, segundo ele, causam danos "irreversíveis" ao mundo e muitas vezes permanecem "invisíveis" para aqueles que são indiretamente afetados por eles. Beck (2011, p. 21) de forma objetiva, define risco: "como uma forma sistemática de lidar com perigos e inseguranças induzidos e introduzidos pela própria modernização".

Embora a teoria de risco e incerteza de Beck (2011) primeiro enfatize os riscos atribuídos aos desenvolvimentos industriais, uma vez que no processo de industrialização o bem estar da natureza e da saúde humana não era o único componente da sociedade que estava em jogo, mas também "as consequências sociais, econômicas e políticas dos efeitos colaterais, como mercados em colapso, desvalorização de capital, verificação burocráticas nas decisões das fábricas, abertura de novos mercados, custos gigantescas, processos judiciais e perda de prestígio" (BECK, 2011, p. 24). Nesse contexto, o sociólogo analisa, principalmente, a demonstração dos impactos desses desenvolvimentos nas estruturas políticas, econômicas e sociais e na formação das sociedades industriais. Os riscos não envolvem apenas lutas e problemas individuais que as pessoas devem superar particularmente. Os riscos apresentam dimensões sociais e podem expor as pessoas a perigos mais divergentes do que esperam, podendo contemplar desde desastres tecnológicos, políticos ou naturais, que podem afetar uma ampla gama da população e, quando ocorrem, ainda desencadeiam sensações de insegurança e paralisação.

Para definir como as sociedades na vida moderna estão potencialmente submetidos a riscos dos mais variados tipos, Beck (1999) faz uma distinção entre "primeira modernidade" e "segunda modernidade" ou "modernidade reflexiva". A distinção que Beck faz é baseada nos diferentes padrões de vida que cada uma das sociedades nessas duas fases da modernidade seguem: na primeira modernidade, as pessoas estão preocupadas com "padrões coletivos de vida, progresso e controlabilidade, pleno emprego e exploração da natureza"; por outro lado, a segunda modernidade trata de "globalização, individualização, revolução de gênero, subemprego e riscos globais" (BECK, 1999, p. 2).

Beck (1999) acredita que a noção de controlabilidade traz segurança e certeza consigo mesmo, mas o que define a segunda modernidade é o risco e a incerteza na vida cotidiana do indivíduo. A natureza dinâmica da sociedade moderna traz a destruição e a reprodução das estruturas sociais dentro dessa sociedade. Nesse ciclo, a estrutura fraca é substituída por uma sociedade mais individualizada, na qual as pessoas estão mais preocupadas com seus próprios assuntos pessoais, mais egocêntricas e autocentradas (BECK; GIDDENS; LASH, 1997).

Isso significa que os fatores que causam danos à sociedade industrial não são o resultado de forças externas, como revolução, crise, invasão ou guerra, mas o próprio processo de modernização tido como "normal e autonomizado". Ele deve, portanto, ser reconhecido como uma nova etapa, em que o progresso pode se transformar em autodestruição, em que um tipo de modernização enfraquece e muda outro, caracterizando o que Beck denomina por estágio de modernização reflexiva (BECK, 1999).

No entanto, Beck se refere a este processo como o processo de desencaixe e reincorporação: se a modernização simples significa, no fundo, "primeiro o desencaixe e segundo o reencaixe das formas sociais tradicionais, então a modernização reflexiva significa primeiro o desencaixe e, segundo, o reencaixe das formas sociais industriais por outra

modernidade” (BECK, GIDDENS; LASH, 1997, p. 12). É importante ressaltar que a palavra *desencaixe* foi cunhada pela primeira vez por Giddens em “*The Consequences of Modernity*”, referindo-se ao deslocamento de valores tradicionais como consequência da globalização e modernização. Em suas palavras, é entendido por *desencaixe*, o levantamento fora “das relações sociais do contexto local de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço” (GIDDENS, 1990, p. 21).

Deste modo, o *desencaixe* ou a correspondência dissonante, por assim dizer, de incontáveis relações no contexto contemporâneo é acentuada pelos avanços científicos, pela instauração constante de novas trocas simbólicas e pela heterogeneização da percepção do tempo. O distanciamento da compreensão da maioria dos indivíduos acerca do processo ou da própria ocorrência de ações necessárias ao cotidiano atual como, por exemplo, das trocas monetárias predominantemente realizadas por meio de recursos digitais pouco palpáveis, imputam constantes abstrações para grande parcela da população. Tal dinâmica implica a alteração da confiança de sistemas concretos – conhecidos pela massa, para sistemas abstratos comandados por um número restrito de peritos (GIDDENS, 1990).

A incerteza e a ambivalência se tornam, assim, categorias do cotidiano, reivindicando níveis de confiança constantemente ampliados. Se por um lado, os sistemas peritos permitem maior conforto e proporcionam possibilidades nunca antes concebidas, por outro, criam efeitos impremeditados que podem levar à destruição da estrutura social ou, em última instância, da vida humana nos termos conhecidos.

Os riscos da modernização tornam-se riscos sistemáticos em que cada pessoa às vezes é causa e às vezes efeito. Nesta sociedade de risco, o sistema atua dentro e por meio dos indivíduos, e os indivíduos são as rodas do veículo pelo qual o sistema se dirige para a modernização. Portanto, “as causas gotejam em um amálgama geral de agentes e condições, reações e contrarreações, o que traz certeza social e popularidade ao conceito de sistema” (BECK, 2011, p. 33).

Embora os riscos sejam criados localmente e surjam em uma área específica dependendo da ação arriscada realizada (como uma fábrica construída na margem de um rio, poluindo o ar e a água simultaneamente), eles tendem a se tornar globais. Isso se deve ao grande avanço da globalização, ampliando a essência dos riscos. Por conseguinte, gradualmente esses riscos perdem sua urgência com o tempo, à medida que as pessoas se conscientizam de sua falta de capacidade de eliminar as causas. Em uma sociedade movida pelos impulsos criados pelos riscos diários (que estão mudando de forma e prioridade), a reação das pessoas também transita constantemente da histeria para a indiferença e vice-versa.

A ênfase de Beck (2011) sobre as mudanças sociais emergentes durante a década de 1980 é colocada nas sociedades ocidentais e especificamente na Alemanha, uma vez que ele usa suas circunstâncias como casos exemplares para esclarecer suas teorias. Tal como o efeito bumerangue trazido por ele dos produtos químicos agrícolas sobre os camponeses e consumidores alemães, os efeitos colaterais dos poluentes industriais na saúde dos cidadãos alemães, o impacto da modernização na classe social, entre outros vários casos presentes em suas outras obras.

No entanto, desde o amplo desenvolvimento da globalização durante a década de 1990, resultando na disseminação da industrialização para as sociedades não ocidentais, as teorias de Beck não limitavam mais a um único país ou continente. Inevitavelmente, na sociedade de risco mundial, os riscos e inseguranças colocam em perigo uma gama mais ampla de indivíduos, uma vez que, como afirma Beck (1999, p. 3), isso retrata:

[...] a disseminação do setor informal e a flexibilização do trabalho, a desregulamentação legal de grandes áreas da economia e das relações de trabalho, a perda de legitimidade do Estado, o desemprego e subemprego, a intervenção mais

contundente das corporações multinacionais e as altas taxas da violência e do crime todos os dias.

Vinculando suas teorias ao status do mundo, Beck e Grande (2007) discorre sobre diferentes formas de riscos que criaram uma nova ordem em nossos sistemas sociais, riscos como terrorismo, crise financeira e mudança climática global.

Diante desse mundo de riscos produzidos, Beck estabeleceu diálogos com Giddens, o que permitiu a caracterização da modernidade reflexiva e um caminho para a teoria da sociedade global de risco, tecendo críticas ao poder da ciência, referindo-se as incertezas fabricadas, visto que, os estudos sobre risco individual, social e ambiental, passaram a constituir temas presentes em agendas de políticas públicas.

A abordagem de Giddens (1998) em relação ao conceito de globalização econômica e transformação cultural contrastam com a abordagem de Beck especificamente devido às narrativas distintas de suas respectivas teorias. O foco de Beck é definir os novos termos que ele introduz (termos com os quais ele descreve as condições de vida na segunda modernidade) e também explorar os problemas que as sociedades enfrentam no período de globalização. Em contraste, Giddens rebate a passividade do risco exposta no trabalho de Beck sugerindo um envolvimento ativo com questões que Beck associa à sociedade de risco, tentando encontrar alguns remédios para lidar com os atributos das sociedades de risco.

Em *The Third Way* (GIDDENS, 1998, p. 64), afirma que “a política da terceira via deve ter uma atitude positiva em relação à globalização” e dá alguns exemplos da essência dos problemas que estão induzindo as pessoas a agirem sobre os fatores de risco. Ele destaca o papel dos pesquisadores, cuja discordância causou um grande problema para os formuladores de políticas que foram apresentados a "conjuntos de descobertas pouco claras" que incorporam "conclusões ambíguas" e "interpretações contestadas". Giddens, então, sugere que:

A tomada de decisões nestes contextos não pode ser deixada para os ‘especialistas’, mas tem de envolver políticos e cidadãos. Em suma, a ciência e a tecnologia não podem ficar fora dos processos democráticos. Não se pode confiar que os especialistas saberão automaticamente o que é bom para nós, nem sempre podem nos fornecer uma verdade inequívoca; eles devem ser chamados a justificar suas conclusões e políticas em face do escrutínio público (GIDDENS, 1998, p. 59).

Para Giddens, a capacidade de agir do indivíduo na sociedade é influenciada pela dialética estrutura somada a ação social. A ação social configura o fluxo contínuo de ações pessoais no mundo, sustentado por uma cognição reflexiva, que é parcialmente condicionada pela estrutura – representada pelas instituições, por exemplo. Apesar de deterem uma preponderância significativa no âmbito das ações pessoais, as estruturas não são imutáveis, ou seja, ambos componentes da dialética se influenciam mutuamente. Considerando as transformações discutidas até aqui, a reprodução social se modifica constantemente e, assim, tem a capacidade de movimentar as estruturas (GIDDENS, 1998).

Giddens (1998) argumenta, ainda, que se faz necessário parar de ver “a globalização como uma ameaça à integridade nacional e aos valores tradicionais”, em vez disso, sugere que devemos ser capazes de dominar o "uso de ferramentas da modernidade para lidar com a vida em um mundo 'além da tradição' e 'do outro lado da natureza', onde risco e responsabilidade têm uma nova mistura" (GIDDENS, 1998, p. 68).

O autor segue afirmando que os riscos que colocam nosso mundo em perigo começam com o controle da globalização sobre a vida social, política, cultural e econômica das pessoas “[...] viver numa era global significa enfrentar uma diversidade de situações de risco” (GIDDENS, 2007, p. 45). Giddens (1999) acredita que, no final do milênio, a propagação das mudanças globais em todos os aspectos sociais das sociedades ocidentais e não ocidentais

remodelarão as vidas de uma forma que cada vez mais será distante o controle individual sobre a vida econômica e política.

Nesse ambiente, o sistema educacional, a mídia e, acima de tudo, as próprias estruturas sociais, como a família, os grupos sociais e o sistema de classes em constante mudança, envolvem-se na disseminação da individualização reflexiva, intensificando ainda mais a situação em que o indivíduo se afoga profunda e reiteradamente em seu próprio mundo orientado para si mesmo (BECK, 2011).

Entendendo a individualização como um aspecto direto da globalização, Giddens (1998) aborda referido conceito, institucionalizado em Beck, de um ângulo diferente. Em sua opinião, a nova individualização começa pelo fracasso em retratar o indivíduo "egoísta" nas teorias da economia neoliberal. Portanto, não é o resultado de uma mudança sistemática específica. O livre mercado, a globalização, o neoliberalismo e o estado de bem-estar social, cada qual desempenhou seu papel na formação do novo individualismo e, como ele próprio afirma, "criadas sob a égide do coletivismo, as instituições de bem-estar ajudaram a libertar os indivíduos de algumas das imobilidades do passado" (GIDDENS, 1998, p. 36).

Giddens acredita também que a nova forma de individualização deva ser considerada como uma transição de códigos morais em vez de um elemento de decadência moral. Ele sugere que é preciso abraçar de forma proativa essa mudança de responsabilidade para construir um novo meio de solidariedade social e coletivismo à luz de nossa autonomia individualista: "todos nós temos que viver de uma forma mais aberta e reflexiva do que as gerações anteriores. Essa mudança não é apenas benéfica: novas preocupações e ansiedades vêm à tona. Mas muitas outras possibilidades positivas também" (GIDDENS, 1998, p. 37). Dada a positividade do ponto de vista de Giddens sobre a individualização da segunda modernidade, nada resta para o indivíduo, exceto oportunidades futuras para construir suas biografias "faça você mesmo".

Como mencionado, Giddens (1998) acredita que o indivíduo é preciso ser capaz de se envolver positivamente com as circunstâncias problemáticas que surgem e restringem a esperança em relação a um futuro melhor. Uma geração que está ciente dos medos de sua sociedade em sua geração e se preocupa em encontrar uma maneira de se envolver positivamente com eles é capaz de encontrar coragem para encará-los. Esta geração pode, em primeiro lugar, tomar consciência dos muitos riscos que enfrenta que fazem com que todos ajam com pessimismo em relação a ela.

Semelhante à noção de risco de Beck, Giddens separa o risco do perigo que sempre ameaçou os seres humanos ao longo da história. A nova forma de risco é a consequência das ações humanas, que Giddens define como risco "fabricado", em comparação com o risco "externo". Os riscos fabricados referem-se a perigos que são ativamente avaliados em relação às possibilidades futuras, em contraposição aos riscos externos como inundações, pragas ou fome que sempre foram a principal preocupação da cultura tradicional, uma vez que "a certa altura - muito recentemente em termos históricos - passamos a nos preocupar menos com o que a natureza pode fazer por nós, e mais com o que temos feito com a natureza" (GIDDENS, 1999, p. 3).

Giddens (1999) mais uma vez tenta definir o escopo dos riscos que colocam a vida humana em risco e, mais importante, questiona o valor dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos na promoção e ampliação das ameaças às nossas vidas. Como ele afirma a cada dia, a cada segundo, os resultados de um novo experimento são revelados para mostrar o quanto se corre o risco de, por exemplo, acelerar o aquecimento global (do qual muitos cientistas continuam a duvidar da existência), ou mesmo sobre a qualidade da alimentação diária e suas consequências para a saúde futura. Permitir a todos a oportunidade de viver suas vidas com base em revelações científicas diárias pode significar manter os indivíduos em um estado de incerteza no longo prazo.

Como afirma Giddens (1999, p. 3) “uma sociedade de risco é uma sociedade onde vivemos cada vez mais em uma alta fronteira tecnológica que ninguém entende completamente e que gera uma diversidade de futuros possíveis”. Refletindo sobre a aplicação moderna tardia da ciência e tecnologia, Giddens introduz duas grandes transformações que, por sua vez, resultam na sociedade de risco, sendo essas transformações "o fim da natureza" e "o fim da tradição".

Embora Beck e Giddens tenham atitudes e perspectivas teóricas diferentes em relação à noção de sociedade de risco, ambos compartilham a ideia de que a incerteza sobre o que a sociedade come, bebe e faz, assim como o medo de perder o emprego, o medo do futuro financeiro e a insegurança dos meios de subsistência, representam aspectos inevitáveis e indissociáveis das sociedades modernas tardias.

Assim, o estado de insegurança moderna não é mais uma questão ecológica ou um termo político usado para conscientizar e, às vezes, preocupar-se com o futuro que nos espera. Em vez disso, tornou-se um estado de espírito, uma fase permanente da personalidade do ser humano moderno tardio, uma força que determina as ações futuras dos indivíduos na sociedade, em última instância, uma cultura do medo.

Conclusão

Conforme demonstrado neste ensaio, as mudanças nas circunstâncias sociais e globais levaram Beck e Giddens a elaborar novos conceitos, como sociedade de risco, para fomentar o engajamento crítico concernente às circunstâncias socioeconômicas radicalmente transformadas do início da década de 1990. Estudos sobre riscos e incertezas são importantes para a construção de respostas a esse clima social controverso e que apresenta adversidades cada vez mais complexas.

Em meio às circunstâncias que cercam a modernidade reflexiva, tema discutido neste ensaio, acredita-se que o indivíduo está emaranhado no contexto de escolhas múltiplas para criar uma identidade modificada, que pode sobreviver em um novo mundo social. Este novo mundo social é definido principalmente por ideologias de consumo, de riscos sociais e globais, medos e inseguranças na vida cotidiana e futuros incertos.

A crise em que a contemporaneidade imerge está diretamente relacionada a modernidade, modernidade de risco, modernidade reflexiva, inerente ao modelo, globalizado, mundializado, intrínseco ao pensamento capitalista. Uma crise que tanto mais se agrava, gerando imenso desperdício vital e de recursos naturais finitos.

Como citado, embora Giddens e Beck discordem em suas perspectivas teóricas deve-se ressaltar que esses autores preservam um olhar, de certa forma, otimista em relação a emergência dos valores em relação à vida e em respeito à preservação das espécies.

A partir disso, e embasado nas perspectivas desses autores é importante entender que vivemos em um tipo de organização social que não pode ser interpretada de forma linear, assim como a condição humana não pode ser compreendida nacionalmente ou localmente, mas sim pertencente em um contexto maior, global. Sendo uma globalização dialética no qual os espaços, local e global, não existem enquanto lados opostos em termos culturais, mas sim, enquanto convicções, estão reciprocamente envolvidos.

Além disso, constata-se que a temática deste ensaio, para além do debate acadêmico, se constitui de um debate social mundial, relacionado com o desenvolvimento da sociedade, principalmente com o público jovem, os quais são impactados diretamente pela globalização. A globalização trouxe consigo fenômenos que influenciaram nos aspectos íntimos e pessoais da vida das pessoas. Trouxe à tona debates sobre os valores da família, que está acontecendo em muitos países, pode parecer muito distante das influências globalizantes, mas não é.

Sistemas familiares tradicionais estão se transformando, ou estão sob pressão, em muitas partes do mundo, especialmente porque as mulheres reivindicam maior igualdade. Conforme mencionado por Giddens, nunca houve uma sociedade em que as mulheres fossem aproximadamente iguais aos homens. Esta é uma revolução verdadeiramente global na vida cotidiana, cujas consequências estão sendo sentidas em todo o mundo.

Na sociedade de risco, discutido por Beck (2011) e Giddens (1991), as formas tradicionais de apoio da família e dos amigos, são dissolvidas em novas formas de esforço constante individualizado na vida diária. Portanto, os jovens, principalmente de origem da classe trabalhadora, ou classe média baixa, lutam por oportunidades de trabalho muitas vezes arriscado, sofrem com a falta de apoio da família, que por sua vez também estão envolvidas nas lutas econômicas diárias.

Essa geração, enfrenta problemas psicológicos, ansiedade, angústia, depressão e conflitos mentais, que são impulsionadas por um cenário de incertezas, inseguranças e instabilidades. Além disso, com o colapso das estruturas sociais tradicionais, como: família, vizinhança, casamento, onde o indivíduo precisa desesperadamente fortalecer sua capacidade de sustentar o status social e o poder que antes possuía, e com isso, novas formas de cultura são introduzidas, para ajudar o indivíduo a sobreviver. A modernidade tardia funciona como um processo de diferenciação, de individualização e também de fragmentação.

Referências Bibliográficas

BECK, Ulrich. **World risk society**. Cambridge: Polity Press, 1999. 192 p.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: Rumo a uma nova modernidade**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 384 p.

BECK, Ulrich.; BECK-GERNSHEIM, Elisabeth. **Individualization: Institutionalized Individualism and its Social and Political Consequences**. London: Sage Publications, 2002. 222 p.

BECK, Ulrich.; GIDDENS, Anthony.; LASCH, Scott. **Modernização reflexiva: Política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: UNESP, 1997. 264 p.

BECK, Ulrich.; GRANDE, Edgar. **Cosmopolitan Europe**. Cambridge: Polity Press, 2007. 328 p.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1990. 156 p.

GIDDENS, Anthony. **Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age**. London: Polity Press, 1991. 256 p.

GIDDENS, A. Admirável Mundo Novo: o novo contexto da política. **Caderno CRH**, v. 7, n. 21, p. 9-28, jul./dez., 1994. <https://doi.org/10.9771/ccrh.v7i21.18771>

GIDDENS, Anthony. **Para além da esquerda e da direita**. São Paulo: UNESP, 1996. 297 p.

GIDDENS, Anthony. **The third way: The renewal of social democracy**. London: John Wiley & Sons, 1998. 176 p.

GIDDENS, Anthony. Risk and Responsibility. **Modern Law Review**, v. 62, n. 1, p. 1-10, 1999. <https://doi.org/10.1111/1468-2230.00188>

GIDDENS, A. **Mundo em descontrolo**: O que a globalização está fazendo de nós. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GUIVANT, Julia Silvia. A teoria da sociedade de risco de Ulrich Beck: entre o diagnóstico e a profecia. **Estudos Sociedade e Agricultura**. v. 9. n. 16, p. 95-112, Abril, 2001. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/188>. Acesso em: 28 ago 2021.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Anthony Giddens - Entrevista. **Tempo Social**, v. 10, n. 1, p. 121-128, maio de 1998. <https://doi.org/10.1590/ts.v10i1.86737>

Notas:

1. Sociólogo Alemão Ulrich Beck, nasceu em 1944 na Polônia e teve seu repentino falecimento no início de 2015, deixou parte de seu trabalho inconcluso. Ulrich Beck realizou uma das mais criativas contribuições para a teoria social do final do século XX e início do século XXI, com sua produção literária mais proeminente, a obra Sociedade de Risco, que ultrapassou divisões disciplinares invadindo os campos do ambientalismo e sustentabilidade, direito, ciência da saúde, agricultura, política e filosofia da ciência (GUIVANT, 2001).
2. Sociólogo Anthony Giddens, nasceu em Londres em 1938, graduou-se em sociologia e psicologia, é considerado um dos maiores colaboradores modernos no campo da Sociologia, reconhecido pela sua Teoria da Estruturação, com uma visão holística das sociedades modernas, pioneiro no conceito de terceira via, com a intenção de renovar a social democracia. Destacada a sua atuação até os dias de hoje, que em junho de 2020 recebeu a Cátedra e o Prêmio Ame Naess da Universidade de Oslo, Noruega, em reconhecimento por suas contribuições para o estudo das questões ambientais e mudanças climáticas (PALLARES-BURKE, 1998).